



# APRESENTAÇÃO

## REPRESENTAÇÃO: UM CONCEITO EM DISPUTA

---

INTRODUCTION  
*REPRESENTATION: A CONCEPT IN DISPUTE*

O ponto de partida que reúne os textos desta edição da Revista *Estudos Linguísticos e Literários* surge da observação dos usos do conceito de *representação* que, como veremos, abarca uma série de entendimentos, talvez o mais usual como sinônimo de *mimesis*. Em uma pesquisa rápida em títulos de artigos, dissertações e teses, apenas na área da Literatura, encontramos um vasto acervo de estudos de *representação*, alinhavados por pesquisas relacionadas às questões de gênero, raça, classe social, entre outros assuntos. Meus próprios trabalhos carregam sem economia o termo *representação* em seus títulos, o que me pôs diante do meu próprio espelho e da pergunta que este dossiê gostaria de fazer aos seus autores e leitores: do que falamos quando nos referimos a um estudo de *representação*?

Esclareço que a palavra *disputa* no título desta apresentação oferece dois caminhos interpretativos. O primeiro deles fala sobre a própria indefinição do termo *representação*, cujos significados foram alterados ao longo da história. A segunda disputa diz respeito à competição epistemológica que acompanha a palavra, do latim *repraesentare*/ fazer-se presente ou apresentar de novo por intermédio de um objeto em diferentes áreas de conhecimento como a semiótica, a ciência política, a história, a

---

sociologia, a psicologia, a história da arte e a estética. A proposta deste dossiê é apresentar discussões em que o uso conceitual da *representação* esteja em questão, para daí entendermos que sobre ele não recai um único significado e assim pensarmos sobre a sua viabilidade teórica para o estudo de literatura contemporânea.

Entre as várias imagens que trago em uma pequena galeria de tempos e espaços dispersos, me inspiro na analogia proposta pelo historiador da arte E. Gombrich em seus estudos sobre a imagem em *Meditações sobre um cavalinho de pau* (1963). Em uma espécie de tela que proponho ao leitor, peço, ao modo de Gombrich, que imaginem um cavalo, um cavalo de pau e um desenho infantil de um cavalo. A associação do cavalo de pau ao animal cavalo é clara e feita a partir da função de ambos, ou seja, afere-se que tanto o cavalo quanto o cavalo de pau podem ser usados em cavalgadas, pode-se montar sobre eles com tal finalidade. Já no desenho infantil essa ligação parece menos nítida. Mas não posso dizer que um cavalo de pau não representa um cavalo e muito menos contrariar uma criança dizendo que o seu desenho não parece um cavalo “real”, porque para ela o seu cavalo aproxima-se à imagem de um cavalo real, tanto quanto a arte primitiva para seus autores. Outro episódio contrabandeado das reflexões do historiador teria ocorrido com Henri Matisse: “Uma senhora que estava visitando o atelier de Matisse observou: “Mas certamente o braço dessa mulher está comprido demais!” Ao que o artista, polido respondeu: “Madame, a senhora está enganada. Isso não é uma mulher, é um quadro””. (GOMBRICH, 2007, 102).

A moral da história é que para Gombrich o mundo interior é pouco susceptível de transcrição para o mundo da visão. Os exemplos de Gombrich e de Matisse por Gombrich fazem pensar sobre a possibilidade de um conceito de *representação* que lide com a imaginação e não apenas que seja atrelado a um *signal* ou a uma *imagem*. É necessário que haja uma ligação entre a experiência de fruição e o presente, embora esta relação não se dê de modo contínuo e necessariamente perceptível.

Em outro registro conceitual, a teórica política Hanna Pitkin acena para um dado aparentemente óbvio. A semântica do termo das palavras inglesas da mesma família *represent* não corresponde a semântica nem mesmo de línguas próximas do inglês. O alemão, por exemplo, possui três palavras que normalmente são traduzidas para o inglês como *represent* (*vertreten*, *darstellen* e *repräsentieren*), no entanto cada uma delas apresenta uma espécie de modulação, de modo que não podem ser usadas as três em qualquer circunstância (Pitkin, 2006). Portanto, a teórica conclui: “Para quem fala em inglês o modo pelo qual uma pintura, um pintor ou um ator de palco representam, e o modo pelo qual um agente ou um legislador eleito representam, obviamente, estão ligados ao mesmo conceito. O mesmo não acontece para quem fala em alemão”. (Pitkin, 2006, p.16). Este rápido exemplo nos lembra previamente de que o sentido das palavras e da palavra *representação* mudam no tempo e no espaço e no caso de *representação* é importante notar também que o sentido do termo a que tanto nos remetemos é anterior ao surgimento da palavra em si.

Relatar o percurso do conceito de *representação* escapa à tarefa que em muito ultrapassa o escopo de um texto como este. A palavra latina *repraesentare* significa “tornar presente ou manifesto; ou apresentar novamente”, e, no latim clássico, conforme a teórica observa, “seu uso é quase inteiramente reservado para objetos inanimados” (Pitkin, 2006, p.17). Vale ressaltar que no contexto romano, o significado original não tem

---

a ver com agência, governo e instituições que poderíamos considerar como exemplos de *representação* nos termos validados na atualidade pela ciência política.

O entendimento de que a *representação* produziria uma presença na ausência é o caminho de confluência e divergência de autores de diferentes áreas, porém com nuances específicas. A cientista política e filósofa Iris Marion Young conceitualiza *representação* como um “relacionamento diferenciado entre atores políticos engajados num processo que se estende no espaço e no tempo”. (Young, 2006, p. 142). Preocupada com a *representação* de minorias e com questões identitárias em regimes democráticos, ela abdica da noção de substituição ou presença na ausência, além de diferenciar interesses - opiniões - e perspectiva social. Esse último conceito, o de perspectiva social, segundo o qual “pessoas diferentemente posicionadas têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais, derivadas daquele posicionamento” (Young, 2006, p. 162), parece apoiar o entendimento de Robert Stam e Ella Shohat, em *Crítica da imagem eurocêntrica*. Nesta obra, eles afirmam que:

[...] a despeito de que não existe uma verdade absoluta, nenhuma verdade distante da *representação* e da disseminação, ainda existem verdades contingentes, qualificadas a partir de certas perspectivas, que informam a visão de mundo de certas comunidades. (SHOHAT & STAM, 2006, p. 263)

No campo dos estudos literários, Luiz Costa Lima chama atenção para o fato de que não há um real demarcado e anterior ao ato de *representação*. A negação de uma realidade prévia provoca portanto o que se estabelece como *representação*. Segundo o teórico, “as representações são estas múltiplas molduras em que nos encaixamos sem nos determos, a maioria das quais aprendemos pelo simples comércio com os outros membros de nosso grupo”. (Costa Lima, 1981, p.4)

A questão destaca um reforço no abandono de uma visão essencialista do mundo, uma vez que a *mimesis* tornou-se a concepção tradicional de *representação*. E aqui vale mais uma lembrança do que já sabemos: a *mimesis* não imita o real, fazendo as vezes de sua cópia. Como concebida pelos gregos, seu valor não encontra correspondência em nossas línguas, contudo se assemelha a uma imitação (Costa Lima, 1981). Por esta razão e não apenas por ela, é que a recepção, seja de artefatos artísticos, seja de conteúdos de mídia, na maioria das vezes reclama a *representação* como gesto que mimetiza a realidade. Ou seja, por um lado muitos de nós se incomoda com o peso dado à *representação*, por outro cobramos uma posição verossímil do que acessamos, como se toda *representação* assumisse um pacto de verdade a partir de sua camada mais externa, seja ela palpável ou visível.

Diante de tudo que foi posto e com olhos voltados para os corpus selecionados nos artigos que compõem este dossiê, nosso desafio é pensar na *representação* e/ou em ferramentas teóricas outras que lidem com objetos indisciplinados, com marcas de inespecificidade, quando a *representação* enquanto gesto mimético não nos parece suficiente como chave de leitura. Nesse sentido, o texto de Luciana Câmara, “A experiência do Livro em Hélio Oiticica e Stéphane Mallarmé”, conduz nosso olhar para uma reflexão sobre os limites e as possibilidades da escrita experimental em dois estudos de caso em que o espaço visual está aliado ao espaço literário. Nele, chama atenção os textos que provocam a *representação* do próprio literário e por conseguinte a noção de livro e literatura. Trata-se de duas proposições radicais que evocam a impossibilidade artística

---

*versus* realização. Da poesia que toca as artes visuais ao teatro, o artigo de Júlia Morena, “Onde você está agora, que as coisas estão acontecendo? O real e o afeto em O Deserto, de Mulheres Míticas”, analisa a peça teatral a partir da inserção do real em seu espaço cênico. A pesquisadora discute as criações de zonas de afeto e de relação provocadas entre atores, personagens e público dentro do espaço cênico como proposta política e estética da obra.

O artigo de Priscila Pesce Lopes de Oliveira e Cid Ottoni Bylaardt considera aspectos da organização de *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, de Roland Barthes, a fim de interrogar em que medida viabilizam uma consideração estética da obra. São enfocados prioritariamente aspectos formais do texto, pensando que ele movimenta certas fronteiras que a literatura também está sempre a renegociar, como o espectro unidade-fragmentação, o registro (ficcional / não ficcional) e a complexa trama entre narração, elocução e autoria.

Por fim, os dois últimos artigos tratam exclusivamente de obras literárias. No texto de Igor Ximenes Graciano, a respeito do romance *Machado*, observa-se que o autor e crítico Silviano Santiago mais uma vez explora os limites do gênero, a ponto de conceber um romance que pode ser caracterizado como não romanescos, em parte porque o empenho autoral não está em representar mundos ou indivíduos sob a cláusula do “como se”. A discussão sobre a *representação* se dá a partir do embate entre as funções do romance e o exercício literário (e podemos dizer crítico) de Santiago. Já Luciana Sacramento Moreno tem como estudo de caso o trabalho do autor baiano contemporâneo Hamilton Borges. De acordo com a pesquisadora, o estudo da obra de Borges aponta para a composição de um retrato da cidade e dos sujeitos da cidade de Salvador mais próximo dos fragmentos que compõem a vida das populações pretas e periféricas.

Espera-se que os textos reunidos nesse dossiê sirvam de motivação para muitos estudantes e pesquisadores que têm se dedicado às questões de *representação*, convocando-os a lançar novas discussões sobre o tema, um dos mais caros aos estudos da literatura, bem como a refletir sobre como temos conduzidos metodologicamente nossas pesquisas nesta área. Boa leitura!

Edma de Góis<sup>1</sup>  
*Universidade do Estado da Bahia (PNPD/CAPES)*  
Organizadora do dossiê

---

<sup>1</sup> A organização deste dossiê integrou as atividades do plano de trabalho do pós-doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia (UFBA) entre abril de 2017 a junho de 2018, sob a supervisão da professora Luciene Azevedo. Endereço eletrônico da autora: edmagois@gmail.com.

---

## REFERÊNCIAS

COSTA LIMA, Luiz. "Representação social e mimesis". In. *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

GOMBRICHT, Ernst. *Arte e ilusão*. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

YOUNG, Iris Marion. "Representação política, identidade e minorias". Trad. de Alexandre Morales. *Lua Nova*, nº67, 2006, p. 139-90.

PHILLIPS, Anne. "De uma política de idéias a uma política de presença?". Trad. Luis Felipe Miguel. *Estudos Feministas*, v.9, n. 1, p. 268-290, 2001.

PITKIN, Hanna F. *Representação: palavras, instituições e ideias*. *Lua Nova*, São Paulo, 67: 15-47, 2006

\_\_\_\_\_. *The concept of representation*. Berkeley: University of California Press, 1967.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. "Estereótipos, realismo e luta por representação". In: *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 261-312.